

Baby walkers: frequency of use, family beliefs and practices

| Frequência, práticas e crenças familiares sobre uso de andadores infantis em Porto Amazonas/PR

ABSTRACT | Introduction: *Although baby walkers are no longer recommended by health professionals, many families still purchase them for their children. Objective:*

This study aimed to survey the frequency of use of baby walkers and to determine whether families are aware of their potential problems.

Also, we report the role of physiotherapy on prevention and health promotion and the perception of mothers on the effects of baby walkers. Method:

In this qualitative-quantitative study, a self-administrated questionnaire, adapted from Wasman (2006), was used to gather research data.

Data was collected at a Centro de Educação Infantil in Porto Amazonas, Paraná;

Results: *Our results showed that 73.33% of the mothers interviewed reported that they currently make or have made use of baby walkers for their children, and 53.33% of mothers were unaware of the harm that they might cause, as they had not been informed by health professionals; they also reported a 45.45% frequency of falls. Conclusion:*

Most mothers made use of baby walkers for their children in the study.

Keywords | *Family relations; Environment; Child development.*

RESUMO | Introdução: Apesar de atualmente andadores infantis terem contraindicação de uso, na prática muitas famílias os adquirem para suas crianças.

Objetivo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar a frequência do uso de andador infantil e verificar o conhecimento de pais ou familiares sobre andador.

Método: O método de pesquisa utilizado foi pesquisa de campo quali-quantitativa por meio de questionário autoadministrado adaptado de Wasman (2006), num Centro de Educação Infantil na cidade de Porto Amazonas, Paraná

Resultados: Os resultados desta pesquisa demonstraram que 73,33% das mães entrevistadas relataram que fazem ou fizeram uso deste instrumento para seus filhos, e 53,33% das mães desconhecem os malefícios que o uso do andador pode trazer, devido a poucas informações dos profissionais da área de saúde, e relatam 45,45% de frequência de quedas. **Conclusão:** O andador foi utilizado pela maioria das crianças do estudo.

Palavras-chave | Relações familiares; Ambiente; Desenvolvimento infantil.

¹Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba/PR, Brasil.

INTRODUÇÃO |

De acordo com Venzke e Assis¹, o desenvolvimento motor era considerado como dependente da maturação do sistema nervoso central (SNC) somente, configurando o que fora chamado de Teoria neuromaturacional. Atualmente, porém, sabe-se que essa teoria não é suficiente para explicar o complexo sistema de desenvolvimento neuromotor e que ele ocorre de maneira dinâmica e suscetível tanto à maturação do SNC como da interação com o ambiente e aos estímulos que são dados durante o desenvolvimento da criança. Ao considerar a influência do meio, principalmente o ambiente familiar^{2, 3}, pode-se dizer que a forma como a criança é estimulada influencia diretamente seu desenvolvimento.

Com relação ao ambiente familiar, muitos pais têm noções de como tratar seus filhos por meio de crenças adquiridas e experiências sociais e culturais. Nesse sentido, Chagas⁴ afirma que as crenças podem ser definidas como um ato de fé inconsciente, em que se faz as verdades das quais se tem convicção e que são motivadas por escolhas voluntárias.

Sendo a marcha uma atividade funcional de grande expectativa dos pais, a escolha pelo uso de andador infantil pode estar fundamentada em crenças culturais e/ou mitos sociais ou ainda interesses pessoais no anseio de tentar acelerar uma aquisição fisiológica e ver seu filho deambular de forma independente o mais precocemente possível, sem, no entanto, considerar os efeitos desse uso. Em 2004 estudos internacionais^{5, 6} apontavam uso de andador em até 86,6% das crianças, com evidências de uso associado a risco de distúrbios motores e acidentes⁵. Atualmente, a prevalência de uso ainda é alta, chegando a 87%⁷.

No Brasil, o Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO)^{8,9} chama a atenção para os perigos do andador, alegando que esse objeto pode causar serias lesões e até mesmo riscos de morte, o que foi ratificado no estudo de Pereira e Garcia¹⁰. Desde o ano de 2007, no Canadá, a comercialização do produto é proibida, já no Brasil proíbe-se a fabricação e a venda, mas o projeto aguarda a designação de relator na Comissão de Seguridade Social e Família. Nesse sentido, a Sociedade Brasileira de Pediatria pronunciou-se contrária ao uso de andador, argumentando que há evidências¹¹ que o uso dele atrasa o desenvolvimento psicomotor da criança em habilidades motoras importantes como o engatinhar, além disso, colocam a criança em risco de quedas e acidentes

que podem deixar sequelas permanentes nela⁸, embora estudos apontem efeitos positivos de crianças que usam andadores geralmente por se tratarem de ambientes mais estimulantes¹². Apesar dessas evidências, estudos atuais¹³ mostram que entre 60% e 90% das crianças ainda usam, ou usaram, andador.

Ao considerar todos esses fatores, justifica-se a necessidade de estudos que verifiquem a visão dos pais sobre o uso dos andadores e se ainda é prática comum o uso deles. Além do mais o interesse na presente pesquisa partiu do contato da pesquisadora com um Centro de Educação Infantil (CEI), no qual constatou relatos de uso de andadores.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar a frequência do uso de andador infantil e verificar o conhecimento de pais ou familiares sobre andador.

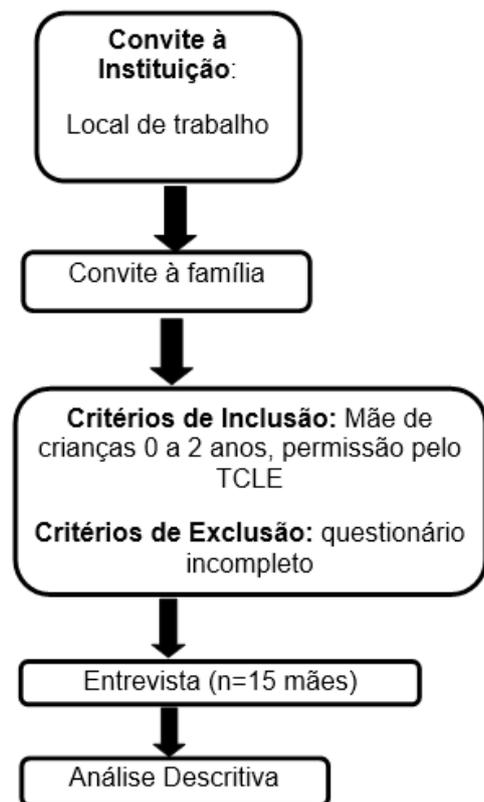
MÉTODOS |

Trata-se de uma pesquisa de campo, qualitativa e quantitativa, que investigou a frequência do uso de andadores em pais, mães e/ou familiares de crianças matriculadas no berçário (até 2 anos de idade) de um Centro de Educação Infantil na cidade de Porto Amazonas/PR. Os questionários adaptados de Wasmam¹⁴, com 5 perguntas discursivas e 5 perguntas objetivas, foram entregues às mães pessoalmente pela pesquisadora, e respondidos (autoadministrados) no mesmo dia de entrega. Além disso, a pesquisadora fez anotações sobre relatos das mães, que julgou importante. Antes das mães responderem às perguntas, a pesquisadora explicou o motivo da pesquisa e ficou presente para sanar quaisquer dúvidas referentes às questões. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Uniandrade sob o parecer CAAE: 35080314.7.0000.5218 e depois de consentimento das participantes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na pesquisa foram incluídos pais, familiares e/ou mães de crianças até dois anos de idade e dispostos a participar da pesquisa, com autorização por meio do TCLE e que respondessem ao questionário integralmente. A seguir, segue delineamento do estudo.

A Figura 1 ilustra o delineamento do estudo:

Figura 1 - Delineamento do Estudo



A análise dos dados foi feita de forma descritiva, sendo demonstrada em forma de Tabela 1 por meio de frequência (porcentagem) em 9 das 10 questões. A questão 10 era discursiva e foi representada pelos principais temas emergentes.

RESULTADOS |

Na pesquisa participaram 15 mães de crianças até dois anos de idade, de ambos os sexos, que estavam matriculadas no CEI. A pesquisadora buscou investigar mães e/ou pais ou ainda responsáveis, mas na presente pesquisa 100% das respostas foram fornecidas pelas mães. Nenhum questionário precisou ser excluído. Das mães entrevistadas, a maioria (53,33%) apresentava escolaridade, como ensino médio incompleto.

Entre os principais resultados (Tabela 1), estão entre eles: 11 mães (73%) fizeram o uso do andador para seus filhos até dois anos de idade. Ao se indagar se houve orientação dos profissionais da área de saúde, foi possível identificar

que apenas 3 mães responderam que sim (20%), e 12 mães (80%), que não tiveram orientação alguma a respeito da indicação ou contraindicação do uso de andador.

Em relação ao atraso no desenvolvimento dessas crianças, 3 mães (27,27%) viram que seus filhos tiveram dificuldades para ficar em pé; 3 (27,27%) mães notaram que o filho caía com facilidade; e 4 (36,36%), não notaram alterações. Em relação a acidentes como uso desse, notou-se que 5 mães responderam que sim (45,45%); e 6 mães (54,54%) responderam que não houve nenhum acidente durante o uso do andador.

O conhecimento sobre o uso do andador também foi questionado às mães, 6 (40%) mães responderam que sim, tinham conhecimento sobre o uso, já 9 (60%) disseram que não tinham.

Ao perguntar se as mães acreditavam que o andador poderia ajudar no desenvolvimento, 4 (26,66%) mães responderam que sim, e 11 (77,73%) responderam que não.

Na última questão discursiva, quanto indagadas sobre o motivo do uso, a maioria respondeu “facilidade para realizar as atividades domésticas”, “indicação de amigas” “porque pais e avôs usaram”.

DISCUSSÃO |

Observa-se no presente estudo alta prevalência (73%) do uso de andador infantil, semelhante ao apontado por outros estudos^{5,7,13}, os quais citam prevalência em 86%, 87% e 50%, respectivamente, mesmo não sendo relatados benefícios ao desenvolvimento.

Em relação ao questionamento se o andador traz ou não malefícios, os resultados da pesquisa demonstraram que as crianças que utilizaram o andador não apresentaram atrasos significativos durante o seu desenvolvimento e algumas pesquisas apresentaram resultados semelhantes ao do presente estudo¹³⁻¹⁵, ou seja, não houve percepção de alterações importantes na época de aquisição da marcha durante o uso do andador. Iwabe, Olmos e Granço¹⁵ também apresentaram um percentual semelhante em que as crianças que fizeram uso do andador iniciaram a marcha com 12 meses, e concluíram que o tempo do uso desse objeto não interferiu significativamente na

Tabela 1 - Respostas das mães ao questionário a respeito do uso de andador

Questões Avaliadas	Categorias	Frequência	%
Grau de escolaridade	Ensino Médio Incompleto	8	53,33
	Ensino Médio Completo	5	33,33
	Graduação	2	13,33
Com que idade o bebê começou a andar	12 meses	1	6,66
	13 meses	3	20,00
	14 meses	3	20,00
	15 meses	3	20,00
	18 meses	2	13,33
	Não Anda (<12 meses)	3	20,00
Usou o andador	SIM	11	73,33
	NÃO	4	26,66
Durante quanto tempo utilizou andador	1 mês	3	27,27
	2 meses	3	27,27
	3 meses	1	9,09
	5 meses	2	18,18
	6 meses	2	18,18
Teve orientação de profissionais da área de saúde	SIM	3	20,00
	NÃO	12	80,00
Ocorreu acidente durante o uso do andador	SIM	5	45,45
	NÃO	6	54,54
Notou algum atraso no desenvolvimento do filho (a)	Pulou a fase de engatinhar	1	9,09
	Teve dificuldades para ficar em pé	3	27,27
	Demorou para andar	0	0,00
	Cai com facilidade	3	27,27
	Não notaram alterações	4	36,36
Você tem conhecimento sobre o uso do andador	SIM	6	40,00
	NÃO	9	60,00
Você acredita que o andador ajuda no desenvolvimento da criança	SIM	4	26,66
	NÃO	11	73,33

aquisição do andar independente. Mas para Cestari et al.⁸, diferentemente do que se espera, o uso do andador pode atrasar o desenvolvimento motor das crianças por pular etapas essenciais no desenvolvimento.

A partir da pergunta realizada durante a pesquisa, se as mães acreditam que o uso do andador traz benefícios, 73,33%

responderam que não. Esse dado possivelmente traduz a possibilidade da opção pelo uso desse objeto estar relacionada com as crenças, pois grande parte das pessoas reproduz o que aprendem ou vivenciam. Chagas et al.¹⁶ observaram, a partir de sua pesquisa, que um dos motivos pela escolha do uso do andador infantil foi determinado pelas condutas maternas relacionada com as crenças que possuem, acreditando que

o uso do andador infantil acelera o processo da aquisição da marcha, trazendo benefícios durante o seu desenvolvimento, porém nossa amostra utiliza/ utilizou, na maioria, o andador, mesmo sem ter essa crença que o uso pode acelerar ou favorecer a marcha. Como possíveis justificativas “facilidade para realizar as atividades domésticas”, “indicação de amigas” “porque pais e avôs usaram” foram as mais citadas. Isso pode estar associado ao uso do andador como recurso não de promoção da habilidade da marcha, mas talvez como “facilitador de cuidado”⁵ para a mãe que tem outros afazeres no lar ou até pelo costume social no uso desse instrumento.

Os dados da presente pesquisa mostram que 60% das mães não têm nenhum conhecimento sobre os benefícios ou malefícios do uso do andador, mas, mesmo assim, ainda fazem a adoção dele, sendo assim, é possível afirmar, por meio de Wasman¹⁴, que uma das causas dos pais não terem conhecimento está vinculada à não informação e orientação dos pediatras aos pais sobre a utilização do andador infantil, reforçado pelo fato de 80% das mães terem relatado não ter recebido qualquer tipo de orientação profissional e, por isso, muitas vezes, os responsáveis pela criança acabam optando por usá-lo, sem saber das possíveis alterações que podem vir a ocorrer futuramente no desenvolvimento da criança e dos riscos relacionados ao uso desse instrumento. Além disso, por meio das principais respostas relacionadas ao uso do andador corroboram com estudo prévio⁷, que associa o uso do andador com os afazeres domésticos da mãe. As outras respostas associadas à indicação das amigas e perpetuação de um hábito de seus próprios pais, ou seja, possivelmente pela crença repetição de práticas¹⁶.

Um dado que chamou a atenção no presente estudo e que corrobora com outras pesquisas^{5,17,18} é a elevada frequência de acidentes das crianças com o uso desse equipamento, há evidências⁷ de risco de hospitalização, incapacidades e até morte por acidente com esse instrumento.

Isso alerta para as questões de promoção e prevenção de saúde já nas orientações maternas realizadas pelos profissionais de saúde para a mãe antes mesmo da chegada da criança¹⁷, com maior envolvimento da família na atenção ao desenvolvimento infantil e aos fatores de risco³. Essa poderia ser uma orientação fornecida pelo fisioterapeuta integrante da equipe de saúde, com estratégias diferenciadas para estimulação da marcha na criança¹⁹, que não o andador.

É importante ressaltar que o tempo desta pesquisa não permitiu poder afirmar que o uso do andador acarreta

alterações durante o desenvolvimento da criança, porém já existem evidências^{5,20} do risco de quedas e lesões com uso desse instrumento, as quais também foram relatadas pelas mães no presente estudo.

CONCLUSÃO |

De acordo com os dados que foram obtidos nesta pesquisa, foi possível constatar que as mães não têm conhecimento sobre possíveis malefícios do andador infantil e que, embora não tenham a crença que esse instrumento favoreça o desenvolvimento e a aquisição da marcha de seu (sua) filho (a), continuam usando em sua maioria provavelmente como prática ou costume familiar. Embora no presente estudo a aquisição da marcha tenha ocorrido em idade média dentro de padrões típicos do desenvolvimento, não se podendo afirmar sobre a influência dele nessa, ou em outras aquisições, foi relatado um grande percentual de acidentes com o uso desse objeto. Acidentes esses que poderiam ter comprometido o desenvolvimento da criança.

Durante a realização desta pesquisa foi possível constatar que as crenças, conceitos que determinam e conduzem as práticas diárias do ser humano, influenciaram diretamente a opção das mães pela escolha no uso do andador infantil.

Os estudos também mostraram que, durante a utilização desse dispositivo, as mães não receberam informações suficientes dos profissionais da área de saúde dos possíveis riscos, e fica, aqui, o alerta e sugestão para a atuação do fisioterapeuta como estratégia de promoção e prevenção de saúde, preferencialmente nas unidades de saúde que recebem essas mães ainda gestantes.

REFERÊNCIAS |

1. Venzke PR, Assis AES. Educação Física infantil: conhecendo o desenvolvimento motor. [Trabalho de conclusão de curso]. Canoas: Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. 2009. [Internet]. Disponível em: <<http://guaiiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2009/artigos/cdfis/salao/574.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2014.
2. Oliveira SMS, Almeida CS, Valentini NC. Programa de fisioterapia aplicado no desenvolvimento motor de bebês

- saudáveis em ambiente familiar. *Rev Educ Fís UEM*. 2012; 23(1):25-35.
3. Menegasso LR, Barham EJ. Estratégias usadas para promoção do envolvimento parental em artigos de fisioterapia brasileiros: um estudo de revisão. *Arq Ciênc Saúde*. 2011; 18(3):119-29.
4. Chagas PSDC. Efeitos do uso do andador infantil na aquisição da marcha independente em lactentes com desenvolvimento normal. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2010.
5. Hadzagić-Catibusić F, Gavrankapetanović I, Zubcević S, Mehlić A, Rekić A, Sunjić M. Infant walkers: the prevalence of use. *Medicinski Arhiv*. 2003; 58(3):189-90.
6. Dedoukou X, Spyridopoulos T, Kedikoglou S, Alexe DM, Dessypris N, Petridou E. Incidence and risk factors of fall injuries among infants: a study in Greece. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2004; 158(10):1002-6.
7. Barss P, Grivna M, Al-Hanace A, Al-Dhahab A, Al-Kaabi F, Al-Muhairi S. Baby walker injury, disability, and death in a high-income middle eastern country, as reported by siblings. *Injury epidemiology*. 2016; 3(1):1.
8. Brasil. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia. Programa de análise de produtos: relatório final sobre a análise em andadores infantis. Rio de Janeiro: INMETRO; 2013.
9. Instituto Nacional de Metrologia QeT. Painel setorial sobre andadores infantis. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; 2013. Disponível em: <<http://www.inmetro.gov.br/painelsetorial/palestras/Programa-Analise-Produtos-WalaceCestariFreitas.pdf>> Acesso em 10 ago. 2014.
10. Pereira SFA, Garcia CA. Prevenção de acidentes domésticos na infância. *Rev Enferm UNISA*. 2009; 10(2):172-7.
11. Siegel AC, Burton RV. Effects of baby walkers on motor and mental development in human infants. *J Dev Behav Pediatr*. 1999; 20(5):355-60.
12. Albuquerque KA, Mancini MC, Drummond AF, Megale L, Chagas PSC. Estimulação ambiental e uso do andador infantil por lactentes com desenvolvimento normal. *Rev Bras Saúde Matern Infant*. 2011; 11(2):181-5.
13. Schopf PP, Santos CC. A influência do uso do andador infantil no desenvolvimento sensorio motor das crianças de escolas de educação infantil. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2015; 25(2):156-61.
14. Wasman S. A interferência do uso de andador infantil na fase do engatinhar e suas possíveis repercussões em outras fases do desenvolvimento motor normal. Cascavel. Monografia [Graduação em Fisioterapia] – Faculdade Assis Gurgac; 2006.
15. Iwabe C, Olmos SC, Granço BM. Influência do andador infantil no desenvolvimento motor de crianças a partir dos 10 meses de idade. *Temas Desenvolv*. 2009; 17(97):28-31.
16. Chagas PS, Mancini MC, Tirado MG, Megale L, Sampaio RF. Crenças sobre o uso do andador infantil. *Rev Bra Fisioter*. 2011; 15(4):303-9.
17. Shields BJ, Smith GA. Success in the prevention of infant walker-related injuries: an analysis of national data, 1990–2001. *Pediatrics*. 2006; 117(3):e452-e9.
18. Khambalia A, Joshi P, Brussoni M, Raina P, Morrongiello B, Macarthur C. Risk factors for unintentional injuries due to falls in children aged 0–6 years: a systematic review. *Injury Prevention*. 2006; 12(6):378-81.
19. Pretto LM, Fassbinder TRC, Llano DC, Bonamigo ECB, Winkelmann ER. Formas de estimulação motora para aquisição e execução da marcha em crianças. *Rev Contexto Saúde*. 2013; 9(16):111-20.
20. Thompson PG. Injury caused by baby walkers: the predicted outcomes of mandatory regulations. *Med J Aust*. 2002; 177(3):147-8.

Correspondência para/Reprint request to:

Tainá Ribas Mélo

R. Marumby, 283, Santa Quitéria,

Curitiba/PR, Brasil

CEP: 81220-090

E-mail: ribasmelo@gmail.com

Submetido em: 11/05/2016

Aceito em: 21/09/2016